

O Itinerarium Egeriae e a Cronica geral de Espanha de 1344: uma metodologia no estudo diacrônico de fenômenos lingüísticos na românia

Profa. Dra. Célia Marques Telles
Universidade Federal da Bahia/Ufba
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq

Resumo: Uma leitura de dois artigos de Giuseppe Tavani – “Le texte: son importance, son intangibilité” e “Teoría y metodología de la edición crítica” (TAVANI, 1988a, 1988b) – traz à baila algumas das suas reflexões sobre o conceito de texto e a propósito de edições fidedignas. Para ler corretamente um texto é necessário restabelecê-lo em sua forma arquetípica e em seu contexto histórico. Nessa perspectiva estão sendo desenvolvidos trabalhos ligados à análise do discurso em textos quatrocentistas (em português e em espanhol) e em um texto da chamada Primeira Idade Média. Nos dois casos a escolha do texto perpassou pela seleção da edição crítica. Os dois primeiros textos são de caráter preceptivo, o terceiro, um diário, integra a literatura de viagens. Os resultados parciais a que se tem chegado começam a ser discutidos.

Palavras-chave: Textos medievais; Língua portuguesa; Língua Espanhola; Discurso; Argumentação.

Abstract: The reading of two articles written by Giuseppe Tavani – “Le texte: son importance, son intangibilité” e “Teoría y metodología de la edición crítica” (TAVANI, 1988a, 1988b) – shows us some of his reflections about the concept of text and dependable editions. In order to read correctly a text, it is necessary to restore it in its archetypal form and in its historical context. In this perspective, works concerned with the discourse analysis of Portuguese and Spanish texts dated from the XV century are being developed, as well as with a text from the so called First Middle Ages. In both cases, the choice of the texts went through the selection of the critical edition. The two first texts have preceptive characteristics, the third is a journal, belonging to the traveling literature. The partial results begin to be discussed.

Keywords: Medieval texts; Portuguese; Spanish; Discours; Arguments.

1. Introdução

Ao concluir a discussão no I Encontro do GT de Estudos Medievais da Anpoll (TELLES, 2005), em novembro de 2005, dizia-se que as pesquisas do Grupo de Filologia Românica tanto enfocam os estudos lingüísticos como os literários. Nesse último caso, considerando que a história da língua implica estudo da língua, da cultura e da literatura, o enfoque se faz na direção da história da língua. Isto porque, toda a investigação tem como foco o texto.

E, assim, o trabalho desenvolvido tem como ponto de partida o texto, quer em uma edição que ofereça o texto fidedigno, quer editando-se esse texto (TELLES, 2000). A depender do gênero de texto, literário ou não literário, pode-se ter uma edição crítica ou uma edição semidiplomática. Quer se trate de textos literários ou não literários evidencia-se que o conhecimento da língua do texto é de suma importância para o editor (CASTRO, 1995, p. 519-520; GAMA; GAMA; TELLES, 1996).

No momento, traz-se à discussão os resultados das pesquisas em desenvolvimento que enfocam o discurso do mundo narrado (WEINRICH, 1968), verificando-se que as marcas discursivas encontradas em textos quinhentistas da literatura de viagens são as mesmas documentadas tanto em textos quatrocentistas, como em textos da primeira Idade Média.

2. A Crônica geral de Espanha de 1344

Conhecem-se versões em português e em castelhano da *Crônica geral de Espanha de 1344* (CINTRA, 1961). Ressalta L. F. Lindley Cintra que a análise do conjunto dos manuscritos conservados mostra que a *Crônica* teve duas redações sucessivas e que a contextura geral do texto transmitido pelos manuscritos é fundamentalmente idêntica, destacando-se o caráter da versão modernizada da segunda redação frente à primeira (CINTRA, 1961, v. 1, p. xxix).

Dessa tradição manuscrita selecionou-se um excerto, o capítulo CXCVIII *Do conselho que o cavalleiro que avia nome Anrrique deu ao conde dom Ilham*, segundo o texto crítico editado por L. F. Lindley Cintra e duas versões castelhanas, aquela remanescente da primeira redação e uma das versões da segunda redação. Da primeira redação, o manuscrito M¹ é o único remanescente completo, ainda que uma tradução em castelhano do original português. Da segunda redação, o texto em língua portuguesa utilizada é o da edição crítica de L. F. Lindley Cintra que busca reconstituir o original

¹ Códice 2-I-2 da Biblioteca Real de Madrid, letra dos últimos anos do século XV ou primeiros do XVI (CINTRA, 1961, v. 1, p. xxix e cdxc).

português (*Z) com base no texto de L², completado pelo de P³; enquanto o texto em castelhano é o do manuscrito U⁴.

Fundamentado no conteúdo do cap. CCXXXIX, onde se lê: “...ataa a era de myl e trezentos e oyteenta e dous annos que este livro foy feito, feria quarta, viinte e hu^o dias de Janeiro da dita era”, L. F. Lindley Cintra afirma que a mencionada data (era hispânica de 1382, correspondente ao ano de 1344 no calendário gregoriano) deve ser atribuída à primeira redação da crônica (CINTRA, 1961, p. xxxix). Quanto à segunda redação acredita ser a mesma datada dos primeiros anos do séc. XV, ou, mais provavelmente, dos fins do séc. XIV (CINTRA, 1961, p. xl).

De acordo com o trabalho de L. F. Lindley Cintra, a tradição manuscrita da *Crônica geral de Espanha de 1344* pode ser representada pelo estema:

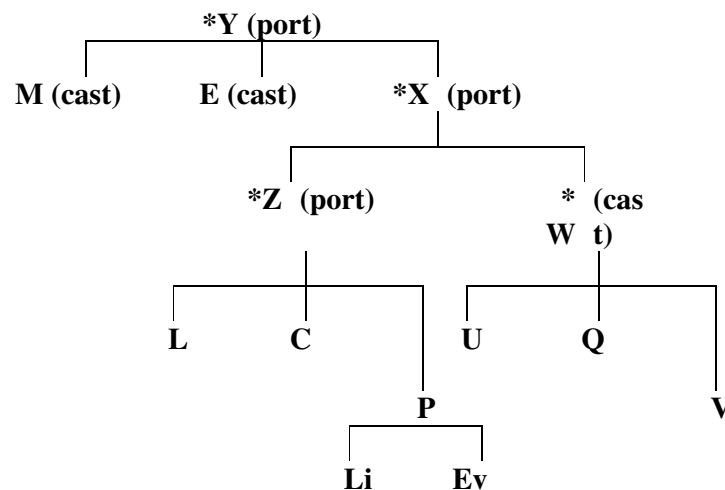


Fig. 1 – Reconstituição do texto original, segundo L. F. Lindley Cintra
(CINTRA, 1961, v. 1, p. lxxxvii e dxi)

² Códice da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, ms. I Azul, letra do século XV. Pelas suas características codicológicas teria sido escrito pelos escrivães da câmara de D. Duarte e decorado pelos seus iluminadores, nas primeiras décadas do séc. XV, tendo sido conservado na biblioteca real por algum tempo (CINTRA, 1961, v. 1, p. cdxcviii).

³ Códice da Biblioteca Nacional de Paris, port. 4, letra do século XV, certamente mandado copiar pelo Condestável D. Pedro, filho do infante D. Pedro de Portugal (CINTRA, 1961, v. 1, p. dix).

⁴ Códice da Biblioteca de D. Francisco de Zabáburu, hoje Biblioteca do Marquês de Heredia Spinola, em Madri, letra da primeira metade do século XV (CINTRA, 1961, v. 1, p. dxxii). Segundo L. F. Lindley Cintra, o melhor manuscrito desta família (CINTRA, 1961, v. 1, p. dxxii).

A escolha dos textos para o corpus de amostragem prende-se, assim, a critérios filológicos: o códice **M** é a única cópia completa da primeira redação, enquanto a segunda redação é representada pela restauração do original português⁵ (com base em **L**) e pelo melhor manuscrito em castelhano, o códice **U**⁶. A tradição manuscrita explica, desse modo, as semelhanças e as dessemelhanças entre os textos do *corpus*: o texto em língua portuguesa e o castelhano, segundo o ms.**U**, correspondendo à segunda redação, opõem-se ao texto castelhano do ms. **M**, representante da primeira redação. A segunda redação, como assinala L. F. Lindley Cintra apresenta-se estilisticamente retocada trazendo consideráveis variantes de conteúdo (CINTRA, 1961, v. 1, p. xxix).

As crônicas – como se sabe – situam-se entre as fontes narrativas da historiografia portuguesa. Dois fatos discursivos são destacados: a dêixis temporal e a dêixis pessoal.

2.1 A dêixis temporal

Retome-se o fato de que para E. Coseriu (1980, p. 19-20), o espaço do presente é não limitado, podendo abarcar todo o tempo, enquanto os do passado e do futuro são limitados, cada um deles, de sua parte⁷. Nessa perspectiva, é preciso que se retomem as observações de Klaus Heger (1974a, p. 124) de que ao se combinarem os vetores dêiticos temporais referidos ao falante e ao processo eles não devem necessariamente coincidir, conduzindo a novas subdivisões. Desse modo, fica evidente que, ao se estabelecerem duas relações distintas entre os mesmos membros – momento do ato de comunicação e momento do processo enunciado – uma delas forçosamente tem de ser fictícia. Não importa, continua K. Heger, saber qual das duas tem maior tendência a transformar-se em fictícia, sendo importante, entretanto, dar-se conta de que existem – ou podem existir – dois momentos distintos atribuídos ao mesmo ato de comunicação. O primeiro deles é aquele de onde parte o vetor temporal relativo ao falante, o segundo, o que tende para o vetor dêítico referente ao processo (HEGER, 1974a, p. 124).

⁵ Segundo a edição crítica de L. F. Lindley Cintra (CINTRA, 1961, v. 2, p. 321-323).

⁶ Excerto extraído da cretostomia de Jesús Moreno e Pedro Peira (1979, p. 308-312).

⁷ A esse propósito, R. Martin questiona E. Coseriu se a oposição *tempo/aspecto* por ele concebida corresponderia àquela de *tempo explicado* (i.e., cronológico, situando os eventos uns em relação aos outros relativamente a um ponto de partida) e de *tempo implicado* (o tempo necessário à própria existência do processo) (COSERIU, 1980, p. 24). Responde E. Coseriu que, com efeito, a distinção *tempo*

As crônicas, segundo a teoria de H. Weinrich (1968), são discursos do mundo narrado. Trazem a forma verbal no tempo passado, com aspecto improspectivo. Para Harald Weinrich (1968, p. 69) existem dois grupos de *tempo*, tempos do Grupo I, ou *tempos comentadores*, e tempos do Grupo II, ou *tempos narradores*. Entre estes últimos, diz ele, é muito fácil assinalar que têm em comum as situações comunicativas em que dominam esses tempos, evidentemente situações comunicativas em que são feitas narrações (WEINRICH, 1968, p. 66).

No discurso do mundo narrado, afirma H. Weinrich, o destinatário sabe que deve recolher a informação como relato, ignorando que ele deva relacioná-la com o passado. Tal fato deve, então, ser repetido com toda clareza (WEINRICH, 1968, p. 76). O mundo narrado é indiferente quanto à temporalidade. Pode estar fixado no passado por uma data, ou no presente, ou no futuro por qualquer outro dado. Entretanto, isto em nada muda o estilo do relato nem a situação falada que lhe é própria.

O discurso do mundo narrado é expresso no modo indicativo: fato real, independente da sua situação no eixo da temporalidade (TELLES, 2004). São tempos narradores, em português e em espanhol: imperfeito / imperfecto, perfeito / pretérito indefinido, futuro do pretérito / potencial, futuro do pretérito composto / potencial compuesto, mais-que-perfeito composto / pluscuamperfecto e pretérito anterior.

a) perfeito / perfecto

5. a) Depois que a condessa *fallou* esto que avedes ouvido, tam grande *foy* o pesar que *ouve* que se lhe *çarrou* o coração, de tal guisa que não *pode* fallar.
- b) Despues que la condessa *fablo* aquesto que auedes oydo, tan grande *fue* el pesar que *ouo* que se *çerro* el coração, de tal guisa que non podia hablar. (U)
- c) Quando la condesa fablava, en tal guisa *fue*, que tamaño *tomo* el pesar que se le *fue* el coração, en tal guisa *desmayo* e non *pudo* hablar ninguna cosa. (M)

b) imperfeito / imperfecto

6. a) E esto *podiam* elles muy ligeiramente fazer, ca não *era* homen e *na* villa que armas podesse tomar, tanto *eram* despercebidos e os e *miigos* aguçosos / de os matar. E todos *fogiam* aas casas fortes, mas esto nom lhes *prestava* nada, ca, assi como elles

– *aspecto* corresponde em parte à distinção guillaumiana entre *tempo explicado* e *tempo implicado*, isto é, que elas a englobam (COSERIU, 1980, p. 25).

entravam, así *entravam* os outros empos elles, que os *matavã* sem nem hu^oa piedade. E tanto fez Tariffe e os seus que, ante de meo dia, foy toda a villa livrada dos cristãaos.

- b) E esto *podian* ellos bien fazer, ca non era ninguno en la villa que armas podiesen tomar, tanto *eran* desapereçebidos e los enemigos acuçiosos de los matar. E todos *fuyan* a las casas fuertes, mas esto non les *prestava* alla nada, que así commo ellos *entrauan*, así *entrauan* los otros en pos dellos que los *matauan* sin ninguna piadat. E tanto fizo Tarife e los suyos que, ante de medio dia, fue toda la villa librada de los christianos. (U)
- c) E esto *fazian* ellos muy ligeramente, que non *avia* y ome de la villa que armas pudiese tomar con que se defendiese, que así los tomaron non guardandose dellos. E ellos tanto *eran* de acuçiosos de matar en ellos que todos *fuyan* a las casas altas e a las torres lo mas que *podian*, mas esto non le *montava* nada, que así commo ellos *entravan* por las torres, así *entravan* los otros que los matavan, que otro dolor dellos non *avian*. E tanto fez Tarife e los suyos que, ante de medio dia, fue toda la villa librada de los christianos. (M)

O fato passado é marcado pela indicação da data ao final do capítulo:

7. a) E, quando esto *foi*, andava a era dos mouros e^o noventa e huu^o ãños e era quaresma delles meesmos.
- b) E quando esto *fue*, andava la era de los moros en noventa e vn años, en la quaresma dellos mesmos. (U)
- c) E quando esto *fue*, andava la era de los moros en noventa e vn años, en la quaresma dellos mesmos. (M)

Assim, o texto da crônica estrutura-se com a dêixis temporal característica do discurso do mundo narrado. A *Crônica geral de Espanha de 1344*, registra, no discurso indireto, a presença dos tempos perfeito / perfecto, imperfeito / imperfecto. O percentual de uso do perfeito / perfecto, frente ao imperfeito / perfecto, no excerto selecionado, é de 91.6%, o que demonstra o seu emprego mais comum neste tipo de relato.

2.3 A dêixis pessoal

Quanto à dêixis pessoal, faz diferença se se trata de discurso direto ou de discurso indireto. Neste último, a dêixis pessoal é caracterizada pela terceira pessoa – *delocutiva* –, relacionada ao referido:

8. a) E estava hi huu^① homen boõ, que *era seu* primo, que *avia nome* Anrrique. E, quando esto *vio*, *ouve* tam grande pesar que maravilha; e *disselhe* enton:
- b) E estaua y vn buen omen, que *era su* primo, que *auia nombre* Enrrique. E quando esto *oyo*, *ouo* tan gran pesar que era marauilla: e *dixole* entonçe: (U)
- c) E Anrrique, vn hombre bueno, primo e cormano de la condesa, e quando esto *vido*, que la condesa estava *asi*, *huvo* tan gran pesar que maravilha era; e *dixo* commo aquel que avia muy gran duelo de *su* cormana: (M)

No entanto, no discurso direto, a dêixis pessoal é caracterizada pelo uso da segunda pessoa, o *alocutivo* (CREYSSELS, 1995, p. 442), representada por *vós*, alternada com *tu*, em algumas situações no excerto examinado. Ressalte-se que o tratamento na segunda pessoa do singular, em língua portuguesa, pode indicar dois tipos de destinatário:

1. seria um tratamento de intimidade, entre indivíduos do mesmo nível social e da mesma classe profissional⁸;
2. poderia ser um tratamento de superior para inferior (CINTRA, 1972, p. 65-6).

Na *Crônica geral de Espanha de 1344*, tanto em português, quanto em espanhol, os interlocutores do diálogo usam a segunda pessoa do plural.

9. a) – Boa dona, ñ *vos dedes* a atam grãde coita, ca ben sabe Deus que ñ esta aqui tal a que muyto ñ pese de *vosso* mal.
- b) – Buena dueña, non *vos dedes* atan gran cuyta, que bien sabe Dios que non esta aqui tal a quien mucho non pese de *vuestro* mal. (U)
- c) – Buena dueña, non *vos dedes* a atan gran cuyta, ca bien saben que non esta aqui tal a que mucho non pese de *vuestro* mal. (M)

⁸ Ora, “A escolha de uma ou de outra forma é motivada não apenas por quantas pessoas são os destinatários, mas também por um sentido de *familiaridade* pessoal *versus distância* social, sendo a forma singular usada para relações de maior intimidade e o plural para registrar um sentido de formalidade e distância. Assim, o conteúdo da relação social é reflectido na escolha dos pronomes pessoais.” (FARIA et al., 1996, p. 456).

Entretanto, D. Anrique, o Homem Bom, “primo e cormano” da condessa, como se lê na primeira redação (ms. **M**), usa a segunda pessoa do singular, quando se dirige ao conde, na qualidade de conselheiro.

10. a) – Nõ he amigo aquelle que em todallas cousas nõ ama prol do seu amigo. E nõ *te* digo esto se nom por que hei pensado todo *teu* feito e del rei dom Rodrigo e vejo que *tu* nõ *podes* fazer cousa que *te* mal estê a Deus nem ao mundo, ca elle nõ he *teu* senhor nem *te* *De*s delle terra.
- b) – Non es amigo aquel que en todas las cosas non ama pro de su amigo. E non *te* digo esto sinon porque he pensado todo *tu* fecho e del rrey don Rodrigo, e veo que *tu* non *puedes* fazer cosa que *te* mal este a Dios nin al mundo, ca el non es *tu* señor, nin *tiens* tierra del. (U)
- c) – Non es amigo aquel que en todas las guisas non ama pro de seu amigo. E non *te* digo esto sinon porque yo he pensado todo *tu* hecho e del rrei dom Rrodrigo, e yo veo que *tu* non *puedes* fazer *tu* cosa que *te* este mal quanto a Dios e al mundo, ca el non es *tu* señor, nin *tiens* del tierra. (M)

A primeira pessoa, no discurso direto, refere-se a um dos interlocutores aquele que tem a vez no turno da fala:

a) o conde D. Ilham:

- 11.a) Esto vos *digo eu* por *my* e por *mynha* fazenda, que vos ja sabedes.
- b) Esto vos *digo yo* por *mi* e por *mi* fazienda, que ya vos sabedes. (U)
- c) E esto vos *digo yo* por *mi* e por *mi* fazienda, que vos ya sabedes. (M)

b) D. Anrique, o Homem Bom:

- 12.a) E sabedes por que vos *carrego* tanto deste feito? Por que *sei* que vos deve de aver tam grãde pesar como *eu*.
- b) ¿E sabedes por que vos *cargo* tanto deste fecho? Porque *se* que vos deuedes aver tan grant pesar commo *yo*. (U)
- c) ¿E sabedes por que vos *encargo* tanto este hecho? Porque *se* que non *devo yo* aver menos pesar desto que vos. (M)

3. O *Itinerarium Egeriae*

O manuscrito do *Itinerarium Egeriae* está escrito em pergaminho e é uma cópia do século XI em letra longobardo-casinense ou beneventana⁹. Códice medindo 262mm × 171mm, com trinta e sete folhas, das quais ocupa vinte e duas, numeradas na margem inferior, em época posterior à encadernação (ARCE, 1996, p. 36). O *Itinerarium Egeriae*, de acordo com a argumentação de Arce (1996, p. 54-55), pode ser datado de 381-384 d.C., data estabelecida pelo próprio texto de Egéria, com base nos fatos enumerados na sua viagem de volta, a saber, a informação sobre os “bispos confessores” e a data da festa de Santo Elpídio.

Trata-se de uma admirável descrição de uma viagem piedosa da virgem Egéria ao Oriente para visitar todos os lugares mencionados na Bíblia, escrita em forma narrativa, dirigida a suas *sorores*, ou companheiras monásticas. A língua do texto apresenta interesse pela liberdade que se faz do uso popular de sua época, assim como quando não concorda com o uso da variante standard recomendada pelos gramáticos (DÍAZ y DÍAZ, 1962, p. 79), ainda que se mantenha a flexão dos nomes e dos verbos (ARCE, 1996, p. 48-49).

A propósito desse texto, uma das fontes de informação da primeira idade média¹⁰, lembra Hilário Franco Júnior (2005a) que o *Itinerarium Egeriae* já foi utilizado para trabalhos de geografia sagrada, de arqueologia bíblica e sobretudo de liturgia, mas exploraram-se relativamente pouco outros aspectos interessantes. Muito claramente chama a atenção para o fato de que a língua da autora, bem estudada em relação à gramática e ao vocabulário, pode ser útil para o sempre importante e difícil problema da oralidade/escrita naquele contexto de fortes transformações do latim tardio¹¹. No campo da religião, a centena de referências bíblicas que ali aparece permite discutir a versão do texto sagrado utilizado por Egéria alguns anos antes da tradução de São Jerônimo.

⁹ Como diz A. Arce, uma bela caligrafia do *scriptorium* de Monte Casino, como a de tantos outros códices da escola longobardo-beneventana (ARCE, 1996, p. 37).

¹⁰ Conforme proposta de Hilário Franco Júnior (2005a, p. 236).

¹¹ A propósito da sintaxe do texto, Alfred Ernout e François Thomas (1953), na sua *Syntaxe latine*, apontam inúmeras construções que marcam o texto do *Itinerarium Egeriae*: construções com um genitivo de pertencimento, como ponto de partida nas locuções temporais (ERNOUT; THOMAS, 1953, p. 52), o ablativo de duração (p. 111-112), a expressão do chamado sujeito indefinido (p. 145-146), o emprego de *ipse* (p. 191), o uso do perfeito passivo (p. 228-229), as construções com *dico* ou *scio quod* ou *quia* (p. 299), as orações temporais (p. 361, p. 366-367), o modo da repetição (p. 402).

Através do conteúdo do *Itinerário*, é possível também tentar deduzir suas fontes literárias. Por outro lado, as inúmeras menções à hierarquia eclesiástica constituem material complementar importante sobre a eclesiologia primitiva, enquanto o ritmo da viagem e das festas litúrgicas fornece dados para a percepção de tempo da época e a descrição dos locais visitados faculta uma história da vida cotidiana (FRANCO, 2005b, p. 31).

O *Itinerarium Egeriae* apresenta, como diz Dulce O. A. dos Santos (2005, p. 300), uma forma textual híbrida, ou seja, com características do gênero epistolar, em que se dirige constantemente a suas interlocutoras e ao mesmo tempo de diário de viagem ao descrever os percursos quotidianos de sua peregrinação (SANTOS, 2005, p. 300). Interessa a este trabalho o fato de considerar-se a narrativa como um *diário de viagem*¹².

E, como assinala Dulce O. A. dos Santos (2001, p. 566), esse diário de viagem constitui uma das poucas vozes femininas do primeiro milênio d.C., lembrando que à época, mulheres letradas romano-cristãs, virgens ou viúvas, abandonavam casa e filhos para seguirem São Jerônimo ou Rufino de Aquiléia e gastavam seu patrimônio em viagens aos santuários cristãos do Oriente. Assim, Egéria, um testemunho vivo disso, redigiu seu texto numa interlocução com outras *dominae venerabilis sorores*, às quais incitava pelo menos à *peregrinatio animae* (i. e., a peregrinação da alma).

Lembra Agustín Arce (1996, p. 68-69) que não se sabe qual o tipo de vida dessas monjas, mas eram piedosas e levavam uma vida consagrada a Deus. Ainda que vivessem em comunidade não estavam sujeitas à clausura, circulando livremente entre sua casa ou mosteiro e o mundo. Egéria dirige-se a elas em tom familiar e respeitoso, chamando-as “*dominae uenerabiles sorores*” (3,8; 20,5), “*affectio uestra*” (5,8; 7,3; 20,13; 24,1; 27,2), “*dominae uenerabiles*” (12,7), “*dominae animae meae*” (19,19), “*domnae, lumen meum*” (23, 10 *bis*), ou simplesmente “*dominae sorores*” (46, 1.4) (ARCE, 1996, p. 69).

Egéria era uma mulher romano-cristã da *Gallaecia*, região noroeste da *Hispania*, província do Império Romano, que se tornou peregrina no final do séc. IV, ao

¹² A. Millares Carlo (1995, p. 211) refere-se a esse texto como um “relato de viagem”.

empreender uma viagem ao Oriente Médio (por cerca de três anos) para visitar todos os lugares sagrados da natividade, paixão e ressurreição de Cristo e de inúmeros santos e santas dos primeiros tempos do cristianismo. Valério de Berzo, monge asceta da mesma região, na Espanha visigótica católica, três séculos mais tarde (VII séc.) em carta dirigida aos seus irmãos monges do mosteiro de São Pedro dos Montes, elegeu a peregrinação de Egéria como modelo inspirador de religiosidade a ser imitado (SANTOS, 2001, p. 566). A autora é mulher de certa cultura, considerando-se o fato de se acharem no texto reminiscências literárias (DÍAZ y DÍAZ, 1962, p. 79).

3.1 O *Itinerarium Egeriae*, um diário de viagem

Ao considerar-se o *Itinerário* um relato de viagem, ou melhor, um diário de viagem, vem a lume a classificação de J. Barradas de Carvalho (1960, p. 284) para as narrativas de viagem, ampliada posteriormente por João Rocha Pinto (1994, p. 609). Ao propor uma classificação mais vasta e minuciosa para a literatura de viagens, João Rocha Pinto (1994, p. 609-610) faz uma sinopse tipológica distribuída em dois grandes itens: *fontes narrativas* e *obras técnicas*. Definido o fato de se tomar o *Itinerário* como um diário de viagem, vale advertir que a narrativa é escrita pela mão que escreve para um destinatário, a quem o texto é dirigido, expressando a experiência do *eu* (singular ou plural). Esse discurso – que serve ao ser existencial para definir a sua actância *hic et nunc* – caracteriza-se em torno de dois eixos: a *dêixis temporal* e a *dêixis pessoal*.

Quanto à *dêixis temporal*, a narrativa do diário de viagem, segundo a teoria de H. Weinrich (1968, cap. 3), é tomada na direção do que ele denomina *mundo narrado*, perspectiva do discurso – como já se viu – que vem marcada pela presença de *tempos verbais*, a saber, dos *tempos do narrar*. Nesse caso o texto estrutura-se em tempo passado, com marca aspectual im prospectiva: é a narração do fato, da experiência pelo elocutor, com base em uma experiência anterior.

No que tange à *dêixis pessoal*, o discurso do *Itinerário* é caracterizado pela narrativa da primeira pessoa – *elocutivo* (quem escreve) – para a segunda pessoa – *alocutivo* (as *sorores*, a quem se destina o escrito) (CREYSSSELS, 1995, p. 122).

A relação entre o elocutivo (*eu* ou *nós*) e o alocutivo de unicidade específica e as duas formas são inversíveis (BENVENISTE, 1966, p. 230). Por outro lado, faz-se necessário lembrar que elocutivo e alocutivo desempenham papéis *ilocutórios* (CREYSSSELS, 1995, p. 122; MAINGUENEAU, 1996, p. 11).

3.2 A dêixis temporal

Quando se tem o relato da própria experiência de narrador, o discurso traz *tempo narradores*, em especial, o pretérito perfeito (na forma ativa ou passiva). Essa construção mantém todo o valor aspectual de inconcluso, documentando a referida experiência da narradora Egéria. Essa experiência do sujeito narrador pode achar-se expressa de modo exclusivo (eu, Egéria) ou inclusivo (Egéria e os seus acompanhantes). Esses tempos narradores são encontrados no *Itinerário*, marcando o discurso do mundo narrado, que trazem a forma verbal no eixo temporal do passado (pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito e futuro anterior¹³), com aspecto improspectivo.

a) pretérito perfeito (primeira pessoa exclusiva)

Profiscentes ergo de Tathnis, ambulans per iter iam notum *perueni* Pelusio. (9, 33-4, p. 210)

“E assim, partindo de Tânis e andando pelo caminho já conhecido, *cheguei* a Pelúcio”.

b) pretérito perfeito (primeira pessoa exclusiva e inclusiva)

Certe locum cum uideremus, columnam nullam *uidimus*, et ideo fallere nos super hanc rem non *possum*. (12, 42-44, p. 218)

“Certamente, quando olhamos o lugar não *vimos* coluna alguma; assim é que não posso enganar-vos sobre este assunto”.

c) pretérito imperfeito

Tunc ergo ego, ut sum satis curiosa, requirere cepi, quae esset haec uallis ubi sanctus, monachus nunc, monasterium sibi fecisset; non enim *putabam* hoc sine causa esse. (16, 13-16, p. 228)

¹³ Isto é, o futuro do *perfectum*.

“Então eu, como sou bastante curiosa, comecei a perguntar que vale era este onde este santo, agora eremita, havia feito para si o eremitério; pois *pensava* que não seria sem razão”.

d) pretérito mais-que-perfeito

Et sic proficiscens de Antiochia faciens iter per mansiones aliquot perueni ad prouinciam, quae Cilicia appellatur, quae habet ciuitatem metropolim Tharso, ubi quidem Tharso et eundo Ierusalimam iam *fuera*m. (22, 3-7, p. 250)

“E logo, partindo de Antioquia e caminhando durante algumas jornadas, cheguei à província chamada Cilícia, que tem por metrópole a cidade de Tarso, onde já *havia estado* ao ir a Jerusalém”.

e) futuro anterior

Et licet in patria exemplaria ipsarum haberem, tamen gratius mihi uisum est, ut et ibi eas de ipso acciperem, ne quid forsitan minus ad nos in patria peruenisset; nam uere amplius est, quod hic accepi. Vnde si Deus noster Iesus iusserit et *uenero* in patria, legetis uos, dominae animae meae. (19, 115-120, p. 240)

“E ainda que tenha em minha pátria cópias das mesmas, tive grande gosto em recebê-las ali dele mesmo, pelo fato de que *nos* tivéssemos chegado à pátria algo incompletas; pois não resta dúvidas de que é mais extenso o que aqui recebi; e assim, se nosso Deus Jesus o ordenar, quando eu *regressar* à pátria, as lerei vós, senhoras de minha alma”.

Os registros do *Itinerário* mostram 71,15% de construções com o pretérito perfeito, 17,30% com o pretérito imperfeito, 11,53% com o pretérito mais-que-perfeito e apenas 1,92% com o futuro anterior. O uso do pretérito perfeito documenta 78,37% de emprego da primeira pessoa exclusiva, ao lado de um percentual de 21,62% de inclusiva.

3.2 A dêixis pessoal

O texto do *Itinerário* – como discurso do mundo narrado – traz, como foi acabado de ver, a forma verbal no eixo temporal do passado, com aspecto im prospectivo, trazendo implícita a dêixis pessoal ser marcada pela presença do elocutor ou do referido (HEGER, 1974b).

Entretanto, o discurso do *Itinerário* é também caracterizado pela presença explícita na narrativa da primeira pessoa (Egéria, exclusivo: *eu*, ou inclusivo: *nós*), que denota

sempre a interferência do narrador, marcando a dêixis pessoal pela presença do elocutor (no singular ou no plural). Em outro momento do discurso, a pessoa vem marcada pela presença do pronome, pessoal ou possessivo.

a) a narrativa, dia a dia, é a do elocutor (exclusivo):

Tunc ergo *ego*, ut sum satis curiosa, requirere cepi, quae esset haec uallis ubi sanctus, monachus nunc, monasterium sibi fecisset; non enim putabam hoc sine causa esse. (16, 13-16, p. 228)

“Então *eu*, como sou bastante curiosa, comecei a perguntar que vale era este onde este santo, agora eremita, havia feito para si o eremitério; pois pensava que não seria sem razão”.

Nam et eulogias dignati sunt dare *michi* et omnibus, qui *mecum* erant, sicut est consuetudo monachis dare, his tamen quos libenti animo suscipiunt in monasteriis suis. (21, 20-23, p. 248)

“Dignaram-se, além disso, dar, a *mim* e aos que iam *comigo*, eulógias, como os monges costumam dar, mas aos que recebem com gosto em seus mosteiros”.

b) ou ainda exclusivo/inclusivo:

Illud etiam satis *mihi* grato fuit, ut epistolas ipsas siue Aggari ad Dominum siue Domini ad Aggarum, quas *nobis* ibi legerat sanctus episcopus, acciperem *michi* ab ipso sancto. (19, 110-114, p. 240)

“Foi-*me* também de grande contentamento receber as mesmas cartas que o santo bispo *nos* havia lido ali, tanto a de Abgar ao Senhor como a do Senhor a Abgar”.

Desse modo, os dados mostram que a primeira pessoa exclusiva se acha documentada com um percentual de 86,66% frente aos 13,33% de emprego da primeira pessoa exclusiva/inclusiva.

Conclusão

No momento, traz-se à discussão os resultados das pesquisas em desenvolvimento que enfocam o discurso do mundo narrado (WEINRICH, 1968), verificando-se que as marcas discursivas encontradas em textos quinhentistas da literatura de viagens são as mesmas documentadas tanto em textos quatrocentistas, como em textos da primeira Idade Média.

A *Crônica geral de Espanha de 1344*, registra, no discurso indireto, a presença dos tempos perfeito / perfecto, imperfeito / imperfecto. O percentual de uso do perfeito / perfecto, frente ao imperfeito / perfecto, no excerto selecionado, é de 91.6%, o que demonstra o seu emprego mais comum neste tipo de relato. No discurso indireto, a dêixis pessoal é caracterizada pela terceira pessoa – *delocutiva* –, relacionada ao referido. No discurso direto – tanto em português, quanto em espanhol – os interlocutores do diálogo usam a segunda pessoa do plural. Entretanto, D. Anrique, o Homem Bom, "primo e cormano" da condessa, como se lê na primeira redação (ms. **M**), usa a segunda pessoa do singular, quando se dirige ao conde, na qualidade de conselheiro. Por outro lado, a primeira pessoa refere-se a um dos interlocutores aquele que tem a vez no turno da fala.

Os registros do *Itinerário* mostram 71,15% de construções com o pretérito perfeito, 17,30% com o pretérito imperfeito, 11,53% com o pretérito mais-que-perfeito e apenas 1,92% com o futuro anterior. O uso do pretérito perfeito documenta 78,37% de emprego da primeira pessoa exclusiva, ao lado de um percentual de 21,62% de inclusiva. Desse modo, os dados mostram que a primeira pessoa exclusiva se acha documentada com um percentual de 86,66% frente aos 13,33% de emprego da primeira pessoa exclusiva/inclusiva.

Nos dois casos, o texto românico quatrocentista e o texto latino da primeira Idade Média, pôde-se comprovar o uso e as funções das formas verbais para expressão do discurso do mundo narrado, assim como a dêixis pessoal de primeira pessoa, marcas características do discurso das crônicas.

Referências

ARCE, Agustín. Introducción. In: EGERIA. *Itinerario de la virgen Egeria* (381-384): Constantinopla, Asia Menor, Palestina, Sinaí, Egipto, Arabia, Siria. 2. ed. crítica del texto latino, variantes, trad. anotada, documentos auxiliares, ampla introd., planos y notas por Agustín Arce. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996. p. 3-140.

BENVENISTE, Émile. Structure des relations de personne dans le verbe. In: _____. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966. p. 225-236.

CARVALHO, Joaquim Barradas de. L'historiographie portugaise contemporaine et la littérature de voyages à l'époque des grandes découvertes. *Ibérica*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 101-140, dez. 1960.

CASTRO, Ivo. O retorno à Filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários* in memoriam Celso Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 519-520.

CINTRA, Luís F. L. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa: ensaios*. Lisboa: Horizonte, 1972.

CINTRA, Luís Felipe Lindley (Ed.). Ed. crítica do texto português. *Crónica geral de Espanha de 1344*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1961. 3 v.

COSELIU, Eugenio. Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode. In: DAVID, Jean; MARTIN, Robert (Org.). *La notion d'aspect*. Metz: Centre d'Analyse Syntaxique, 1980. p. 13-25.

CREYSSELS, Denis. *Eléments de syntaxe générale*. Paris: PUF, 1995.

DIAZ Y DIAZ, Manuel C. Itinerarium Egeriae. In : _____. *Antología del latín vulgar*. 2. ed. aum. y rev. Madrid: Gredos, 1962. p. 79-85.

EGERIA. *Itinerario de la virgen Egeria (381-384)*: Constantinopla, Asia Menor, Palestina, Sinaí, Egipto, Arabia, Siria. 2. ed. crítica del texto latino, variantes, trad. anotada, documentos auxiliares, ampla introd., planos y notas por Agustin Arce. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996.

ERNOUT, Alfred; THOMAS, François. *Syntaxe latine*. 2. éd. rev. et augm. Paris: Klincksieck, 1953.

FARIA, Isabel Hub et al. (Org.). *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

FRANCO JR., Hilário. Antigüidade tardia ou primeira Idade Média? Entrevista concedida a Ruy de Oliveira Andrade Filho pelo Historiador. In: ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira (Org.). *Relações de poder, educação e cultura na Antigüidade e Idade Média: estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro*. Santana de Parnaíba (SP): Solis, 2005a. p. 233-242.

FRANCO JR., Hilário. Por uma outra Alta Idade Média. In: ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira (Org.). *Relações de poder, educação e cultura na Antigüidade e Idade Média: estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro*. Santana de Parnaíba (SP): Solis, 2005b. p. 27-36.

GAMA, Nilton Vasco; GAMA, Albertina R. da; TELLES, Célia M. A Crítica textual moderna: novos rumos? In: MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera (Org.). *Atas do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística*. Salvador: Abralin; Finep; Ufba, 1996. v. 1, p. 454-457.

- HEGER, Klaus. Análisis onomasiológico del tiempo verbal. In: _____. *Teoría semántica: hacia una semántica moderna II*. Madrid: Alcalá, 1974a. p. 107-134.
- HEGER, Klaus. Deixis personal y persona gramatical. In: _____. *Teoría semántica: hacia una semántica moderna II*. Madrid: Alcalá, 1974b. p. 33-51.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de lingüística para o texto literário*. Trad. de Maria Augusta de Matos, rev. de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MILLARES CARLO, A. *Historia de la literatura latina*. 4. ed., 3. reimp. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- MORENO, Jesús; PEIRA, Pedro (Ed.). *Crestomatía románica medieval*. Madrid: Cátedra, 1979.
- PINTO, João Rocha. Literatura de viagens. In: ALBUQUERQUE, Luís de (Dir.). *Dicionário de história dos descobrimentos portugueses*. Lisboa: Caminho, 1994. v. 2, p. 609.
- SANTOS, Dulce O. Amarante dos. Egéria a peregrina numa carta de Valério de Bierzo (século VII). In: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (Org.). *Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001. p. 566-569.
- SANTOS, Dulce O. Amarante dos. O *itinerarium* de Egéria no IV século e ressonâncias no monacismo visigótico. In: ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira (Org.). *Relações de poder, educação e cultura na Antiguidade e Idade Média: estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro*. Santana de Parnaíba (SP): Solis, 2005. p. 299-304.
- TAVANI, Giuseppe. Le texte: son importance, son intangibilité. In: SEGALA, Amos (Org.). *Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XX^e.siècle: théorie et pratique de l'édition critique*. Roma: Bulzoni, 1988a. p. 23-34.
- TAVANI, Giuseppe. Teoría y metodología de la edición crítica. In: SEGALA, Amos (Org.). *Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XX^e.siècle: théorie et pratique de l'édition critique*. Roma: Bulzoni, 1988b. p. 35-51.
- TELLES, Célia Marques. Aspectos medievais na pesquisa do Grupo de Filologia Românica da UFBA. In: ANAIS do I Encontro do GT de Estudos Medievais da Anpoll. Rio de Janeiro: Uerj, 2005. (no prelo).
- TELLES, Célia Marques. Mudanças lingüísticas e crítica textual. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 25-26, p. 101-102, jan.-dez. 2000.
- TELLES, Célia Marques. *Presente e futuro em textos quinhentistas*. In: ANAIS da XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos. João Pessoa: Idéia, 2004. p. 423-435.
- WEINRICH, H. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Vers. esp. de Federico Latorre. Madrid: Gredos, 1968.